

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LETRAS: LITERATURA EM DESTAQUE

THE FORMATION OF LITERATURE TEACHER: LITERATURE IN HIGHLIGHT

Daniela Maria Segabinazi¹
Josete Marinho de Lucena²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo refletir sobre os impactos causados na prática docente de professores formados pelo Projeto Pedagógico de Curso (PPC, 2006) do DLCV/UFPB e a mudança ocorrida no Projeto Político Pedagógico de Curso (PPC, 2019), sobretudo no que concerne às disciplinas de Literatura e ao enfoque na leitura literária. Para realizarmos a pesquisa, fazemos uma reflexão sobre vivências descritas nos relatórios de Estágios Supervisionados e nas respostas dos docentes egressos do curso ao questionário aplicado pela comissão de elaboração do PPC (2019) e da Roda de Conversa com os professores supervisores de estágio.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Formação de professores; Projeto Político Pedagógico; Literatura; Língua Portuguesa.

Abstract: This article aims to reflect on the impacts caused on the teaching practice of teachers trained by the Pedagogical Course Project (PPC, 2006) of the DLCV/UFPB and the change that took place in the Pedagogical Political Course Project (PPC, 2019), especially in what it concerns the disciplines of Literature and the focus on literary reading. In order to carry out the research, we reflect on the experiences described in the Supervised Internship reports and in the responses of professors who graduated from the course to the questionnaire applied by the PPC drafting committee (2019) and the Conversation Wheel with the supervising professors.

Keywords: Supervised Internship; Teacher training; Pedagogical Political Project; Literature; Portuguese language.

Introdução

O propósito deste trabalho vem da nossa vivência, por mais de dez anos, com a orientação dos estagiários nas disciplinas de Estágios Supervisionados de língua e de literatura no curso de Letras Português, do Departamento de Letras Clássicas Vernáculas (DLCV) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), bem como o trabalho da comissão de Estágio Supervisionado, no período de 2014 a 2017, e a elaboração do Projeto Político Pedagógico de

¹ Professora de Literatura e Estágio Supervisionado em Literatura na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no curso de Letras (graduação) e no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). E-mail: dani.segabinazi@gmail.com

² Professora de Língua Portuguesa e Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no curso de Letras (graduação). E-mail: josetemarinho.ufpb@gmail.com

Curso (PPC) de 2019. Essas vivências nos permitiram acumular experiências, (re)fazer e desfazer muitas certezas nossas (enquanto professoras na licenciatura), quer no acompanhamento do discente (o estagiário- na Universidade) quer na relação com o professor (supervisor- na escola).

Assim, considerando a afirmação de Coimbra (2006, p. 26) ao dizer que “a formação do professor é mais extensa do que a sua vida acadêmica e do que sua experiência profissional”, percebemos que nossa formação é continuada a partir do momento em que mudamos nossas práticas e revisitamos constantemente nossos conceitos, alterando metodologias, atualizando referenciais teóricos e, sobretudo, repensando e propondo novas maneiras de ensinar, adquirindo saberes docentes (TARDIF, 2002) essenciais à nossa própria formação enquanto formamos outros profissionais. Com isso, a proposta deste artigo é trazer as reflexões da vivência descrita nos relatórios de estágios e nas respostas do egresso do Curso de Letras, professor da rede pública de ensino, para mostrarmos os impactos sobre a formação dos docentes a partir do Projeto Pedagógico de Curso - doravante PPC- (2006), ainda em vigência; e a partir dessa avaliação, apresentar as mudanças no novo currículo do Projeto Político Pedagógico de Curso (2019) de Letras Português, particularmente nas disciplinas de Estágio Supervisionado e sua correlação com o ensino de Língua Portuguesa e nas disciplinas novas de literatura com foco na leitura literária.

Desta forma, inicialmente, apresentamos o contexto da pesquisa³ e as motivações que justificam a necessidade de aprofundar discussões sobre a formação do professor na Licenciatura em Letras, sobretudo sua formação leitora a partir de um currículo que abarca questões de leitura, ensino de literatura e língua portuguesa nos Estágios Supervisionados. A seguir, discutimos repercussões na formação do professor de Literatura tendo como *corpora* os relatórios de Estágio Supervisionado, os questionários aplicados (entre 2014 e 2017) pela comissão de elaboração do Projeto Pedagógico do Curso e questionários aplicados durante a I Roda de Conversa (dezembro de 2017) com os professores supervisores que receberam estagiários do curso de Letras. Por fim, como resultado, apresentamos a configuração do novo currículo disposto no PPC, em vigência a partir de 2019, a fim de evidenciar como o ensino de literatura e a leitura literária ganham espaço, abrangendo maior número de disciplinas associadas à prática e aos estágios supervisionados.

³ A pesquisa, em andamento, é realizada na Linha de Pesquisa Ensino de Língua e Literatura do Grupo de pesquisa Estágio, ensino e formação docente (GEEF), cadastrado no diretório do CNPQ.

1 Contextualização da pesquisa: motivações

A compreensão do que é formar professores tem tido necessidades proeminentes de se reconfigurar a cada dia, de acordo com as mudanças socioculturais por que temos passado. Essa reconfiguração é mais urgente em se tratando, sobretudo, do professor de Língua Portuguesa⁴ no ensino fundamental, porque precisa reconhecer nessa formação o ensino de Literatura e não apenas a língua materna. Essa situação se agrava quando na formação inicial do curso, na configuração curricular do PPC⁵ (2006), a separação das áreas língua e literatura não apresenta propostas de articulação e diálogo entre elas, que se torna mais evidente na relação teoria e prática, vislumbrada apenas nos Estágios Supervisionados do curso, cuja organização nem sempre favorece a conciliação e a interdisciplinaridade entre língua e literatura, bem como teoria e prática.

Ademais, na formação atual do professor de Letras, faz-se necessário o reconhecimento de objetos de ensino da língua portuguesa e da literatura, formando uma base sólida e consistente para as escolhas e abordagens teóricas e metodológicas a serem utilizadas na sala de aula. Isso porque na prática da realidade escolar reverbera, muitas vezes, a cobrança do fazer do professor de Língua Portuguesa⁶, pois, ao mesmo tempo em que há uma exigência para que esse profissional ensine a ler e a escrever, há também uma cobrança para que o faça segundo o modelo de aula cristalizado e, através do qual todo mundo “aprendeu”. Neste sentido, é comum encontrarmos pais de alunos, professores de outros componentes curriculares, coordenadores pedagógicos, enfim, o senso comum indicando ao professor de Português as tipologias gramaticais e as obras literárias consagradas que ele deveria trazer para a sala de aula.

Talvez sejam essas as maiores motivações para refletirmos aqui o que temos feito para a formação desse professor; o que ainda podemos e precisamos fazer na formação inicial para que haja resultados significativos na formação docente. Temos consciência que não podemos resolver todas as situações e desafios que envolvem essa formação e, por isso, neste recorte, fazemos uma retrospectiva para mostrar os impactos do PPC (2006) na formação do egresso de

⁴ O uso da letra maiúscula é para nos referirmos a disciplina presente no currículo do ensino básico.

⁵ Estamos nos referindo aos dois currículos presentes nos dois PPCs em andamento, principalmente, ao currículo anterior do curso que teve sua vigência entre os anos 2007 a 2018. No atual PPC (2019) a divisão das áreas são mantidas, entretanto, as práticas curriculares e os estágios supervisionados trazem inovações que congregam o diálogo entre as áreas e promovem articulações entre a teoria e a prática.

⁶ A referência ao professor de Língua Portuguesa ocorre porque no ensino fundamental temos apenas a denominação da disciplina de Língua Portuguesa, mesmo que os estudos literários façam parte do currículo dessa área. Além disso, os concursos e contratos para o Ensino Médio, em sua grande maioria, exigem perfil para professor de Língua Portuguesa.

Letras Português do DLCV, hoje professores da rede pública de ensino do estado da Paraíba e colaboradores como supervisores de estágio e que recebem os estagiários, na formação inicial dos nossos discentes.

Cabe ressaltar nosso posicionamento e fundamentos em relação às razões apresentadas e que nos levaram a repensar a formação desse professor, a tal ponto que foram incorporadas num novo PPC (2019) do curso de Letras do DLCV. Como já dissemos inicialmente as nossas vivências como docentes de Língua Portuguesa e Literatura que se uniram para promover a junção de dois Estágios Supervisionados (IV e V), um de cada área, mas ambos orientados para o ensino fundamental, fizeram com que buscássemos estudos e pesquisas para corroborar e robustecer nossas convicções, revisando e transformando nossas práticas no Estágio Supervisionado.

Assim, alguns teóricos são importantes para compreendermos que o professor de Língua Portuguesa tem como objeto de estudo/ensino a linguagem materializada pelo texto (ANTUNES, 2003) por meio da sua leitura e da sua escrita (LERNER, 2002) e, estando a linguagem, o texto, a leitura e a escrita presentes em todas as realidades da vida em sociedade e, dentro da escola, constituem-se interdisciplinares (KLEIMAN; MORAES, 1999; GERALDI, 2013).

Nesse contexto, chamamos a atenção para o lugar ocupado pelo texto literário nas aulas de Língua Portuguesa e a formação do professor de literatura, valorizando o espaço da leitura literária, da experiência estética, da formação do leitor e do gênero literário não apenas como mais um texto discursivo no ensino da língua portuguesa no ensino fundamental. Para tanto, a pesquisa de Gabriela Rodella de Oliveira (2013) nos ajudou a fortalecer percepções a respeito do professor leitor (hábitos de leitura e histórias de leitura) e sua formação, as quais se refletem na sua prática cotidiana da sala de aula como optar por ensinar ou não a literatura. A hipótese da autora é “de que os professores de português só serão capazes de ensinar leitura literária se forem efetivos leitores literários” (2013, p. 87), o que converge para as conclusões da pesquisa de Ludmila Thomé de Andrade (2007) a respeito do professor de língua, ao afirmar que:

Um bom professor de língua deveria ser um bom leitor, de modo que a experiência da leitura, o conhecimento e o prazer da literatura constituíssem a experiência do docente e, assim, lhe permitissem a realização de sua autonomia. A sua experiência primeira deveria ser relativa à literatura de adultos, para que essa autonomia pudesse se efetivar, mas o conhecimento e a inserção no horizonte de literatura infantil ou juvenil (...) também são úteis, por lhe darem uma dose de experiência para poder ser autônomo na escolha das leituras e nas decisões a estabelecer com relação ao currículo a realizar (ANDRADE, 2007, p. 11).

Amparadas nessas leituras e vivências, para este trabalho buscamos cruzar dados coletados em relatórios de Estágio Supervisionado IV e V⁷, com respostas de questionários aplicados durante o levantamento feito para a elaboração do Projeto Político Pedagógico do curso de Letras/Português⁸ e questionários aplicados durante a I Roda de Conversa com os professores que receberam estagiários do curso de Letras, em dezembro de 2017⁹. Assim temos como resultado, um panorama do que tem influenciado a formação do professor de Língua Portuguesa e Literatura, a partir do PPC (2006), e as mudanças concretizadas em novas ementas nos Estágios Supervisionados e disciplinas relacionadas a prática do PPC (2019).

2 Do PPC de Letras ao chão da escola

A partir dos anos 1990, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9.394 e da exigência de que a escola fosse acessível a todos, uma comissão de professores do curso de Letras Português, “atendendo ao edital nº 04/97 do MEC – que convoca as Instituições de Ensino Superior para reverem os seus currículos e construïrem os seus projetos político pedagógicos (PPP)” (PPC, 2006), elabora o novo PPC e, em reunião colegiada, aprova-o em 2006 com início de vigência em 2007.

Entre as muitas mudanças provocadas pelo PPC (2006) destacamos neste artigo a configuração do Estágio Supervisionado que passa a ter uma carga horária de, no mínimo, 400 horas a partir da segunda metade do curso, de acordo com a previsão da Resolução CNE/CP nº 02/2002. No caso da Licenciatura em Letras, o professor orientador deixa de ser o professor do Centro de Educação (CE/UFPB) e passa a ser o professor do DLCV, havendo, inclusive, atribuição de carga horária para estágios em literatura e em língua portuguesa, assumidos por especialistas nessas duas áreas, que constituem a aula de LP do ensino básico, função que deve assumir o egresso de Letras Português ao tornar-se professor.

Essa visão voltada especificamente às questões da aula de Língua Portuguesa e Literatura só foi possível pelo formato que o Estágio tem no PPC (2006) e pela orientação dos professores de estágio do que é a aula de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental. Neste formato, o Estágio Supervisionado, como consta no PPC de Letras, realiza-

⁷ Pesquisa desenvolvida pela linha de Pesquisa “Práticas de ensino de língua e literatura” do Grupo de Pesquisa GEEF/UFPB do CNPQ

⁸ Pesquisa realizada pela comissão de elaboração do PPC (2019) do curso de Letras Português da UFPB, no período 2014-2017.

⁹ Atividade de culminância e sistematização dos Estágios Supervisionados do curso de Letras Português da Universidade, no período 2017.1)

se por meio de sete componentes curriculares de 60 horas, perfazendo um total de 420 horas. Os sete componentes encontram-se distribuídos em três teóricos e quatro considerados mais práticos, nos quais os estagiários vão às escolas para observar aulas e, posteriormente, realizar a docência a partir de planos de aulas ou projetos pedagógicos, como preveem as ementas abaixo relacionadas:

ESTÁGIO SUPERVISIONADO I - Ementa: Fundamentos teórico-metodológicos e perspectivas de abordagem relativos ao ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. Avaliação dos referenciais teóricos institucionais que norteiam as políticas pedagógicas educacionais relativas ao ensino de língua portuguesa no Fundamental. Avaliação de recursos didáticos para o Ensino Fundamental.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO II - Ementa: Fundamentos teórico-metodológicos e perspectivas de abordagem relativos ao ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio. Avaliação dos referenciais teóricos institucionais que norteiam as políticas pedagógicas educacionais relativas ao ensino de língua materna no Ensino Médio. Avaliação de recursos didáticos para o Ensino Médio.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO III - Ementa: Perspectivas de abordagem de obras literárias no Ensino Médio (poesia, prosa, drama). Avaliação dos referenciais teóricos institucionais que norteiam as políticas pedagógicas educacionais relativas ao ensino de Literatura no Ensino Médio. Avaliação de recursos didáticos para o Ensino Médio.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV - Ementa: Iniciação à docência e intervenção no cotidiano escolar: Aplicação de conteúdos básicos de Língua Portuguesa em sala de aula do Ensino Fundamental (leitura, produção de texto e análise linguística).

ESTÁGIO SUPERVISIONADO V - Ementa: Iniciação à docência e intervenção no cotidiano escolar: aplicação de conteúdos básicos de literatura em sala de aula do Ensino Fundamental.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO VI - Ementa: Iniciação à docência e intervenção no cotidiano escolar: Aplicação de conteúdos básicos de Língua Portuguesa em sala de aula do Ensino Médio (leitura, produção de texto e análise linguística).

ESTÁGIO SUPERVISIONADO VII - Ementa: Iniciação à docência e intervenção no cotidiano escolar: aplicação de conteúdos básicos de literatura em sala de aula do Ensino Médio (PPC, 2006, p.29-31).

Assim as ementas definem o que deve ser feito em cada um dos Estágios, inclusive a previsão de tratar dos conteúdos de língua e de literatura nas salas de aula de Língua Portuguesa no ensino básico. Fato que não acontecia no antigo Estágio Supervisionado, denominado Prática de Ensino¹⁰ ou Prática Pedagógica, quando a ação do licenciando era mais burocrática.

Desta forma, a organização dos Estágios no curso de Letras Português da UFPB, sobretudo os considerados práticos, tem permitido que os dois professores orientadores (um de língua e um de literatura) acompanhem juntos os mesmos estagiários, visto que por uma questão de logística, quando o estagiário vai para a escola do ensino fundamental ele realiza

¹⁰ Em algumas universidades a nomenclatura do componente curricular/disciplina não foi alterado, ou seja, o estágio recebe outras nomenclaturas.

dois Estágios (IV e V) a um só tempo¹¹. O mesmo acontece com os Estágios VI e VII, que se realizam na escola de ensino médio.

Muitos avanços em relação ao que se tinha na época da Prática de Ensino, a implementação do PPC (2006) propiciou. O acompanhamento de professores orientadores especialistas da área de Letras permitiu que o licenciando elaborasse projetos de ensino que a um só tempo possibilita realizar o ensino de leitura e produção de texto por meio de atividades alusivas ao ensino de língua e literatura em escala de continuidade, como podemos ver no projeto de estágio a seguir, que tinha por objeto a leitura literária da obra direcionada ao público adolescente, “Dois mundos, um herói: uma aventura não oficial de Minecraft”, de autoria de Rezendeevil, entre outras atividades:

ATIVIDADES – PERGAMINHOS:

Cinco pergaminhos serão espalhados pelo ambiente da escola com atividades (conferi-las abaixo) que contemplem questões linguísticas e literárias para que os alunos as resolvam. Esses pergaminhos serão procurados a partir da nossa segunda semana de intervenção.

□ PERGAMINHO 1: Sabendo que é preciso considerar os estilos de fala de um grupo linguístico – no caso, o personagem Pedro representando o modo como os jovens muitas vezes se expressam – como parte do processo de construção literária, retome ao contexto em que as gírias “*manja dos paranauê*” (p. 50) e “*meu chapa*” (p. 68) foram ditas; faça uma pesquisa virtual e oralmente explique para os colegas da turma o que elas podem significar e em quais contextos de comunicação elas podem ser usadas (16IVV28).

Há nessa atividade, aplicada numa turma de 7º ano, o propósito de realizar a leitura literária, buscando nas questões da língua inferências para que se concretize a compreensão da obra e das escolhas feitas pelo autor, que marcam seu estilo e uma aproximação com a linguagem utilizada pelos adolescentes. Assim vemos a compreensão do que se pode fazer ou, o que se faz para realizar a leitura, de maneira geral, e que pode e deve ser feito quando se trata do texto literário, consagrado pelo cânone ou não. Percebemos a preocupação das estagiárias em proporcionarem a aproximação do texto com a realidade do aluno leitor.

Desta forma, a atividade amplia a visão que o futuro professor tem do que se ensina/aprende quando se trabalha com a leitura em sala de aula do ensino fundamental. Haja visto que ainda é recorrente o modelo de aula de Língua Portuguesa, no qual se faz a leitura silenciosa, seguida de uma leitura oral e da interpretação do texto, depois de toda a abordagem do texto, vêm as atividades de gramática. No caso em tela, a perspectiva da variação linguística funciona como subsídio para compreender o que o texto diz, articulando o ensino de aspectos

¹¹ No presente artigo delimitamos a discussão e análise sobre os Estágios IV e V porque, ambos, no currículo da escola se apresentam na disciplina de Língua Portuguesa; criando dificuldades para a percepção do ensino de literatura nos anos finais do ensino fundamental.

linguísticos para língua e para empreender a leitura literária. Há, portanto, uma mudança (ainda que parca) no modo de conceber a aula de Língua Portuguesa que tem impactado a prática dos professores (entre os quais encontramos egressos do PPC (2006) do DLCV) e ampliado o lugar da leitura e da produção de texto nas escolas.

Além do impacto que constata a partir da implementação do PPC (2006), um outro fator que tem causado mudança é a relação mais próxima entre universidade e escola, o que tem acontecido tanto pelas visitas do professor da universidade às escolas que recebem os estagiários quanto das atividades de ouvir o professor supervisor. Em decorrência dessa aproximação, ao longo dos últimos anos temos dado voz a esses professores das escolas por meio de um evento denominado Colóquio de Estágio Supervisionado (CES¹²), no qual temos nos ocupado de trazer à universidade esse professor que recebe o estagiário para relatar a experiência de supervisionar a etapa da formação inicial do licenciando.

Isso também tem acontecido por meio do contato efetivo da Comissão de Estágio do DLCV que, em dezembro de 2017, promoveu a I Roda de Conversa com os professores que receberam os estagiários no período 2016.1. Na oportunidade, alguns desses professores relataram o zelo que os estagiários têm ao elaborar projetos didáticos que coadunam com a proposta de ensino já iniciada pelo professor da escola. Há, portanto, entre esses sujeitos (professores das escolas, da Universidade e estagiários) envolvidos no estágio uma troca, através da qual não só o estagiário aprende/ensina. Neste sentido, concordamos com o que dizem Pimenta e Lima (2004, p.111) quando afirmam que

Ao transitar da universidade para a escola e desta para a universidade, os estagiários podem tecer uma rede de relações, conhecimentos e aprendizagens, não com o objetivo de copiar, de criticar apenas os modelos, mas no sentido de compreender a realidade para ultrapassá-la. Aprender com os professores de profissão como é o ensino, como é ensinar, é o desafio a ser aprendido/ ensinado no decorrer dos cursos de formação e no estágio. (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 111_

Pelo que temos discutido e descrito até agora neste trabalho, podemos afirmar que é oportuno refletir sobre o percurso trilhado por todos os sujeitos envolvidos na formação inicial, desde o professor da universidade (orientador do estágio) ao estagiário, passando pelo professor da escola (supervisor do estágio). Entre essas reflexões merecem destaque a maneira como esses sujeitos têm concebido o que é preciso para formar-se professor, sobretudo, no momento crucial, para alguns, de realizar o estágio. No caso da licenciatura em Letras, é muito comum,

¹² A primeira edição do CES aconteceu em agosto de 2014 e foi organizado pela Comissão de Estágio Supervisionado do DLCV e pelo GEEF. Inicialmente o Colóquio acontecia no início de cada semestre, todavia, atualmente, ocorre uma vez por ano.

como já trazemos neste trabalho, achar que seja suficiente ter domínio da gramática e da literatura, ou seja, dominar o conteúdo específico da área, o que desemboca em cursos com perfis de bacharelado. Isso porque, como assevera Mello,

O único aspirante ao magistério que ingressa no ensino superior com opção clara pelo ofício de ensinar é o aluno dos cursos de magistério de primeira a quarta série do ensino fundamental. A esses, na maior parte dos cursos, não é oferecida a oportunidade de seguir aprendendo os conteúdos ou objetos de ensino que deverá ensinar no futuro. Aprende-se a prática do ensino, mas não sua substância.

Os demais ingressam no ensino superior de formação de professores com a expectativa de serem biólogos, geógrafos, matemáticos, linguistas, historiadores ou literatos, dificilmente professores de biologia, de geografia, de línguas ou de literatura. Os cursos de graduação são ministrados num contexto institucional distante da preocupação com a educação básica, que não facilita nem mesmo a convivência com pessoas e instituições que conhecem a problemática desta última. Os professores formadores que atuam nesses cursos, quando estão em instituições de qualidade, são mais preocupados com suas investigações do que com o ensino em geral, e menos interessados ainda no ensino da educação básica. (MELLO, 2000, p. 4-5)

Essa visão distante da realidade da sala de aula e do ensino de língua e literatura na escola do ensino básico tem sido um agravante que impede a formação do professor, de uma maneira geral, sobretudo, para o ensino básico, mas que também tem reverberado na formação do professor universitário. Este profissional, muitas vezes, sente dificuldade de entender a docência, por sua formação acontecer única exclusivamente na universidade, quase sempre voltada para a pesquisa, ou seja, o seu percurso passa da iniciação científica, seguida pela aquisição do título de mestre e doutor. Sem passar pela experiência da sala de aula, torna-se professor do curso de Licenciatura. Esse percurso reforça a dificuldade do professor da universidade em compreender a docência e o que é necessário fazer para formar o professor que vai para as escolas de ensino básico.

A nossa insistência em compreendermos a formação docente, sobretudo, por meio dos Estágios Supervisionados, nos tem, durante quase dez anos de PPC, permitido fazer com que essa realidade seja alterada e que o conceito do que é formar professor tenha outra perspectiva, que inclui a um só tempo conhecimentos específicos da área e outros saberes, inclusive os pedagógicos, de total responsabilidade dos cursos de formação em Letras. Nesta perspectiva, Nóvoa afirma que

A formação do professor é, por vezes, excessivamente teórica, outras vezes excessivamente metodológica, mas há um déficit de práticas, de refletir sobre as práticas, de trabalhar sobre as práticas, de saber como fazer. É desesperante ver certos professores que têm genuinamente uma enorme vontade de fazer de outro modo e não sabem como. Têm o corpo e a cabeça cheios de teoria, de livros, de teses, de autores, mas não sabem como aquilo tudo se transforma em prática, como aquilo tudo se organiza numa prática coerente. Por isso, tenho defendido, há muitos anos, a necessidade de uma formação centrada nas práticas e na análise dessas práticas. (NÓVOA, 2007, p. 14)

Por esse viés, há um reforço de pensarmos o Estágio como um conagraçamento de toda a formação realizada no âmbito da universidade, juntamente com a experiência vivenciada na escola, promovendo uma análise e reflexão sobre o fazer pedagógico. O Estágio se constitui, portanto, momento privilegiado para o licenciando perceber os saberes necessários para tornar-se docente. Saberes esses diversos, como assevera Tardif (2002), Pimenta e Lima (2011), que nem sempre estão só especificamente nos componentes curriculares ditos teóricos, nem na consagrada prática, concebida anteriormente a ida às escolas para a realização do Estágio, pois como nos mostram Barzotto e Eufrásio (2000, s/p) “...o simples contato com o cotidiano escolar e sua consequente descrição não fazem do estágio uma atividade essencialmente formadora, uma vez que não incentivam a reafirmação do perfil profissional almejado durante a formação em curso.”

Advém deste pensamento a nossa insistência em proporcionar aos estagiários experiências exitosas no período do estágio que, acreditamos que podem ser alcançada por meio de um conjunto de fatores que podem auxiliar na vivência do estágio, entre elas destacamos a proximidade com o campo de estágio e dos sujeitos que compõem esse espaço. É o que confirma o relato abaixo, escrito por licenciandos¹³ de Letras Português durante a vivência do Estágio Supervisionado IV e V, na turma do 7º ano, quando afirmam que

Cremos que o discurso até aqui feito revela a nossa alegria e gratidão por termos transpassado os muros da Academia e chegado até a sala de aula, ambiente sobre o qual durante toda a graduação discutimos, todavia não o conhecíamos na condição de professor, apenas na de aluna. (...) Aprendemos muito a partir desta experiência, sobretudo no que diz respeito a nossa própria subjetividade e sobre como lidar com ela, pois nem sempre as nossas expectativas serão concretizadas, mas isso não significa nem da nossa parte, muito menos do aluno, porque Educação é um processo. Cremos que a vivência das vinte intervenções com os alunos especiais, os quais tivemos a oportunidade de conhecer, melhorou o nosso olhar não somente acerca de nós mesmas, da nossa pedagogia, mas acerca de tudo. (16IVV14)

A fala dos estagiários aponta para a necessidade proeminente de o graduando de letras compreender os sujeitos da aprendizagem e o campo de estágio como um todo, para além das expectativas que trazem da formação inicial. Desta forma, ao mesmo tempo em que se percebem como profissionais, reconhecem que a aprendizagem é um processo e por isso tanto os alunos quanto os jovens professores precisam de oportunidades para vivenciarem a docência a partir dos conhecimentos adquiridos no decorrer da licenciatura. Eis, nessa fala, uma marca de que o estágio acontece enquanto evento que amplia a visão do futuro professor,

¹³ Por uma questão de acompanhamento e logística dentro das escolas, os estagiários podem formar dupla para vivenciar a experiência do Estágio.

possibilitando-lhe autoavaliar-se e, a partir de então, demarcar traços de sua identidade e postura de futuro professor.

Uma outra dupla de estagiários refletem em seu relatório final, entre tantos outros aspectos do estágio, o que representa a experiência em sala de aula como prévia para tornar-se professor de Língua Portuguesa, enfatizando a necessidade de formar-se professor que trata de articular as questões linguísticas às literárias, como vemos no excerto a seguir:

Outro ponto importante é que um dos grandes entraves existentes no ensino de língua tem sido a separação quase que total dos componentes curriculares Língua Portuguesa e Literatura, disciplinas que deveriam andar juntas, visto que uma complementa a outra. Nesta divisão, os alunos, principalmente do ensino fundamental, são os que mais saem prejudicados ao terem uma formação lacunada, pois, como nesta fase temos apenas a disciplina de Língua Portuguesa, muitos professores se esquecem da Literatura, ou não a lecionam de forma correta e usam o texto com outros objetivos, geralmente como pretexto ou ferramenta para o ensino de gramática, menos com a sua função real: a de formar leitores (16IVV29)

Ao destacarem a necessidade de unir língua e literatura na aula de Língua Portuguesa, os licenciandos ressaltam a ausência ou opacidade da leitura literária no ensino fundamental II, quando, costumeiramente, os professores preterem, em detrimento do texto literário, o uso de gêneros textuais diversos ou mesmo a tipologização gramatical que torna-se o foco da aula de Português. Em contraposição a essa dinâmica da escola, os projetos de estágio propostos pelos licenciandos favorecem o trabalho com a leitura literária, articulando com os aspectos mais relacionados ao ensino/aprendizagem da língua. Desta forma, em contato com a proposta do estagiário, muitos professores supervisores repensam sua prática e até dão continuidade à aplicação do projeto iniciado pelo estagiário, por acreditar que, muitas vezes, não conseguem contemplar a literatura nas salas de 6º ao 9º ano, em virtude da demanda de atribuições que o sistema impõe: o uso do livro didático, a implementação de programas e projetos da escola e das secretarias, entre outras demandas.

Esta realidade aparece com muita frequência nas respostas dadas pelos docentes egressos do PPC (2006), ao questionário utilizado pela comissão de elaboração do PPC (2019) para levantar as mudanças que estes informantes¹⁴ consideravam necessárias ao antigo PPC (2006). Esta relação de troca entre escolas e estagiários também aparece como relevantes nos quinze questionários distribuídos e coletados durante a Roda de Conversa.

Ao finalizarmos este tópico, do presente artigo, vemos que as vozes dos sujeitos envolvidos no estágio têm auxiliado, pelo menos até agora, não só como ponto para reflexão do

¹⁴ Foram distribuídos 50 questionários na grande João Pessoa, porém só nos retornaram os questionários respondidos 14, porém apenas 7 eram egressos do PPC/2006 e, para efeito de avaliação do documento, consideramos apenas os questionários respondidos pelo egressos.

que é e do que pode ser a formação do professor, mas tem permitido vislumbrar mudanças nessa formação. É com esse intuito que no próximo segmento apresentamos algumas mudanças que têm acontecido no curso de Letras Português da UFPB, particularmente, na exposição do novo currículo a partir do PPC (2006).

3 O que temos construído a partir do PPC 2006?

Ainda que, parcamente, podemos afirmar que algumas alterações têm ocorrido na formação inicial dos egressos em Letras da UFPB. A começar pela proposição do PPC (2006) de Letras Português ao indicar que o Estágio Supervisionado seja orientado por professores do próprio Departamento, o que oportunizou reafirmar a orientação do estágio para o ensino de língua e de literatura, propiciando, assim, a compreensão de que o professor de Português precisava formar-se para lecionar aspectos linguísticos e literários com intuito ler e produzir textos na sala de aula de Língua Portuguesa.

Então, embora até agora não tenhamos uma grande “revolução” na prática dos docentes egressos do citado PPC (2006) que acompanhamos, vemos uma priorização de leitura e produção de texto em relação à centralidade das tipologias gramaticais; pois ao contrário do que acontecia nos anos em que iniciamos o acompanhamento dos estágios nas escolas, quando a maioria dos estagiários voltava do período de observação¹⁵, trazendo a demanda do ensino de Língua Portuguesa, que era ensinar nomenclaturas e classificações de elementos gramaticais em detrimento de um ensino de leitura, particularmente de leitura literária. A partir destas observações, percebemos nos últimos semestres em que orientamos projetos, que houve uma sensível diminuição nesse percentual.

Segundo levantamento feito em relatórios finais dos estágios no período entre 2015.2 a 2017.1, houve, inclusive, a ingerência da leitura, da produção textual e das questões relativas aos gêneros textuais, o que acreditamos ser resultado da implementação e execução do PPC (2006), vivenciado por esses professores egressos do Curso de Letras Português da UFPB. Em parte, esse resultado é animador para o ensino da língua, mas ainda, distante do ensino de literatura, uma vez que nas escolas o gênero literário é percebido como um gênero discursivo, perdido entremeio a outros.

¹⁵ Os componentes curriculares Estágios Supervisionados do DLCV, no PPC 2006, estavam organizados em três momentos: as observações da realidade nas escolas com vistas a orientar as intervenções, a orientação do Projeto de ensino com o professor orientador e a aplicação do projeto.

Além do impacto do PPC/2006 na formação desses professores, outro dado relevante é a aproximação entre universidade- escola, por meio do acompanhamento do professor orientador da universidade e da Comissão de Estágio do DLCV, que têm estreitado vínculos com as escolas, quer pelas visitas para acompanhar o estagiário, quer pela realização do Colóquio de Estágio Supervisionado (CES) em suas seis edições. Este fato tem facilitado a entrada e permanência dos estagiários nas escolas para a realização do Estágio, o que não acontecia nas primeiras turmas de estagiário durante a implementação deste PPC (2006).

Acreditamos que essa aproximação tem ensejado muitas inquietações tanto na escola quanto na universidade. Um notável impacto foi na elaboração do novo PPC (2019), que uma das mudanças foi na estrutura do Estágio Supervisionado, o qual prevê a realização dos estágios articulados entre língua e literatura. Nesta perspectiva e, tentando solucionar às questões relativas à quantidade de componentes curriculares que perfaziam as 420 horas de Estágio e, ainda a presença de Estágios com ementas descritas como teóricas, nas quais os licenciandos não precisariam necessariamente ir às escolas do ensino básico, o novo PPC (2019) traz apenas quatro componentes curriculares de Estágio, organizados para acontecerem em realidades escolares e não escolares, prevendo a vivência do estagiário por um tempo mais longo no campo de estágio e com atividades de língua e literatura simultaneamente, como podemos constatar pelas novas ementas descritas a seguir:

a) **Estágio supervisionado I - Língua e Literatura - Ementa:** Inserção no ambiente escolar. Discussão dos documentos oficiais parametrizadores do ensino de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Fundamental e no Ensino Médio e do Projeto Político Pedagógico da escola campo de estágio (PPP). Observação e diagnóstico do ambiente escolar. Elaboração, execução de um projeto, de curta duração, na área de Língua Portuguesa e Literatura, que vise suprir uma demanda da escola (projeto para a biblioteca, produção de materiais didáticos, revisão de textos etc.), a partir da retomada reflexiva dos conteúdos e fundamentos teórico-metodológicos dos componentes curriculares de Língua, de Literatura e de Educação do Curso de Letras, articulando-os às necessidades reais da escola campo de estágio. Produção de relatório final e avaliação do trabalho realizado.

b) **Estágio supervisionado II - Língua e Literatura - Ementa:** Vivência na escola de Ensino Fundamental. Observação das aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II. Elaboração e implementação de um projeto pedagógico para uma turma do Ensino Fundamental II, contemplando leitura (literária e de gêneros não-literários), análise linguística e produção textual nas aulas de Língua Portuguesa, a partir da retomada reflexiva dos conteúdos e fundamentos teórico-metodológicos dos componentes curriculares de Língua, de Literatura e de Educação do Curso de Letras, articulando-os às necessidades reais da turma-alvo do estágio. Produção de relatório final e avaliação do trabalho realizado.

c) **Estágio supervisionado III - Língua e Literatura - Ementa:** Vivência na escola de Ensino Médio. Observação das aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio. Elaboração e implementação de um projeto pedagógico para uma turma do Ensino Médio, contemplando leitura (literária e de gêneros não-literários), análise linguística e produção textual nas aulas de Língua Portuguesa, a partir da retomada reflexiva dos conteúdos e fundamentos teórico-metodológicos dos componentes curriculares de Língua, de Literatura e de Educação do Curso de Letras, articulando-os às

necessidades reais da turma-alvo do estágio. Produção de relatório final e avaliação do trabalho realizado.

d) **Estágio supervisionado IV - Língua e Literatura - Ementa:** Vivências em espaços não formais de educação que tenham convênio de estágio firmado com a UFPB, tais como: creches, presídios, organizações não governamentais, hospitais, entre outros espaços que contemplem diferentes audiências (crianças, idosos, estrangeiros, etc.). Observação contextual dos espaços, visando possibilidades de desenvolver projetos de Língua Portuguesa e/ou Literatura. Elaboração e implementação deste projeto a partir da retomada reflexiva dos conteúdos e fundamentos teórico-metodológicos dos componentes curriculares de Língua, de Literatura e de Educação do Curso de Letras, articulando-os às necessidades reais do público-alvo do estágio. Produção de relatório final e avaliação do trabalho realizado. (PPC, 2019, 43-46)

As modificações empregadas nas ementas supracitadas foram corroboradas na Apresentação e Justificativa no novo PPC 2019, que destaca a importância das nossas experiências nas disciplinas de Estágio de língua e literatura em consonância com a voz do professor que atua na escola como supervisor e que recebe nossos estagiários, conforme trecho a seguir:

Essa realidade incita a reelaboração das ementas desses componentes curriculares, transformando-os em práticas que incorporem experiências exitosas dos Estágios de Língua e Literatura¹⁰ [...]

¹⁰ De acordo com o depoimento de um colaborador (professor), “[...] uma professora no estágio supervisionado, em parceria com outra professora de outro estágio, pediu um projeto de aula que envolvesse o trabalho conjunto de língua e literatura. Apesar da semente plantada, eram os últimos estágios, e sinto que esse trabalho deveria estar sendo desenvolvido desde o início do curso.” (PPC, 2019, p.05)

Mais adiante, o PPC ao tratar da Caracterização da Estrutura do Projeto Político Pedagógico encerra, afirmando que “Os Estágios Supervisionados, por sua vez, contemplam a integração entre o ensino de língua e o de literatura.” (PPC 2019, p. 17). Como podemos constatar, no âmbito dos estágios supervisionados, avançamos para uma visão integradora entre teoria e prática e entre língua e literatura, tornando, inclusive, visível o campo dos estudos literários e seu lugar na formação do professor de Letras. Ainda, ampliamos os espaços de atuação do egresso e destacamos a leitura literária como fundamentais nas práticas educativas dentro ou fora da escola, favorecendo a percepção da presença do campo literário nessa formação.

Outro avanço no PPC 2019, também fruto das nossas vivências e da nossa atuação na comissão de elaboração, foi a alteração na concepção das práticas como componentes curriculares, que estavam vinculadas a componentes disponibilizados pelo Centro de Educação e regulamentadas por uma resolução interna da Instituição. A mudança permitiu reconhecer a importância do campo da didática e das metodologias, expandindo e incorporando uma visão

mais pedagógica dentro da licenciatura em Letras, sobretudo, na fusão de teoria e prática num mesmo componente curricular.

No que diz respeito ao campo literário, o ganho foi considerável, uma vez que o currículo sempre esteve voltado para as teorias e crítica literárias, além de uma carga horária menor que os componentes da língua portuguesa e linguística. Nesse sentido, o espaço da literatura passa a congrega um diálogo ainda maior com a prática quando ganha dois novos componentes curriculares, além de introduzir novos conceitos e conteúdos na formação inicial do professor. Vejamos:

Prática de leitura literária e escrita criativa

Ementa: Estudo das relações entre leitura, leitor e literatura. Estratégias de leitura literária e escrita criativa. Produção de textos em prosa e verso. Literatura e práticas escolares: projetos e sequências didáticas. Análise e produção de material didático.

Prática de letramento digital e ensino de literatura

Ementa: Cultura digital e escolar. Obras da literatura digital, eletrônica e em hipermídias. A leitura literária no mundo digital: hiperleitura, hipertexto e interatividade. Multiletramentos e ensino de literatura. Análise e produção de material didático. (PPC, 2019, p. 41-42)

Os componentes e as ementas acima evidenciam a inclusão de abordagens contemporâneas que convergem para discussões e práticas sociais que correspondem às necessidades da sociedade atual, principalmente, no que se refere aos suportes e práticas de leitura literária e a circulação de obras, além das práticas pedagógicas para uso na sala de aula. Podemos perceber também o atendimento de propostas que há muitos anos são reivindicadas e propagadas pelas pesquisas e, mais recentemente, pelos documentos normativos, como a promoção da leitura literária e da formação do leitor.

Vemos, portanto, que os avanços em relação à formação inicial dos futuros professores de Letras foram substanciais, particularmente, na composição do PPC 2019, nos componentes de Estágio Supervisionado e Práticas. Entretanto, faz-se necessário estreitar as distâncias que separam componentes curriculares específicos, do campo mais teórico, com práticas do ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa e Literatura, dentro e fora de espaços escolares, o que poderá ser debelado com um olhar mais cuidadoso sobre a inserção de questões pedagógicas nos componentes curriculares da licenciatura, além dos estágios e práticas como vimos até aqui.

Considerações finais

Ao discutirmos a formação inicial do professor de Letras neste trabalho, trazemos muitos outros subtemas para a discussão, mesmo porque os *corpora* que usamos para

fundamentar o trabalho são originários de várias outras pesquisas e, além disso, a temática de formação de professores permite discussões muito diversas e amplas. Apesar de muito discutida e de, como temos visto neste texto, apresentar sinais de mudança, ainda não alcançou as metas previstas para que os licenciados em Letras pela Universidade Federal da Paraíba encontrem-se em condições de assumir a docência, fazendo valer as teorias que, ao longo do curso, apreendem e o que, de certa forma, é recomendado nas orientações curriculares para os ensinamentos de Língua Portuguesa e Literatura.

A nosso ver, na realidade, o que prevalece no momento da docência é a experiência que o licenciando teve, enquanto aluno do ensino básico e não as perspectivas interacionistas da aula de Língua Portuguesa e abordagens teóricas a respeito da leitura literária, leitura subjetiva, embasadas em teorias da leitura e da recepção da obra. Neste sentido, as crenças e mitos que o senso comum reproduz aparecem como modelo a ser seguido, que garante êxito, objetividade e facilidade para realizar a avaliação da aprendizagem, haja visto que mensurar questões gramaticais, estruturas do texto (gêneros discursivos) e escolas literárias numa prova é mais visível que perceber o avanço do aluno por meio de uma prática de leitura subjetiva ou estratégias de leitura, coerência na escrita e na oralidade.

Paralelo a esse fator, a licenciatura ainda não consegue trabalhar com a transposição didática e a simetria invertida que auxiliariam a compreender como fazemos para ensinar ou mediar a aprendizagem a partir das teorias apreendidas na universidade, ou mesmo, vemos a sala de aula como um fértil *locus* de pesquisa, inclusive não só a pesquisa voltada para a docência. Desta forma, pensamos que este artigo não pode parar por aqui, ele é um convite a pesquisas que nos tornem professores pesquisadores inquietos diante da escola que ainda temos e da licenciatura que precisamos construir.

Por outro lado, a exposição dos dados coletados em nossas pesquisas, as vivências como professoras orientadoras de estágio e a apresentação dos Projetos Políticos Pedagógicos do Curso de Letras, que atuamos como docentes, apontam ações e transformações que são possíveis e reveladoras de mudanças reais na formação docente em Letras. Nesse sentido, sempre será necessário insistir e investir em espaços de atuação que nos permitam fomentar e desenvolver alterações que favoreçam a formação docente tal como compreendemos nesse trabalho. Por fim, ressaltamos o destaque dado ao campo literário, por entendermos que o novo PPC apresentou notáveis alterações, as quais para este artigo foram apresentadas por meio dos estágios e práticas.

Referências

- ANDRADE, Ludmila Thomé. *Professores leitores em formação: transformações discursivas de conhecimentos e saberes*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.
- ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BARZOTTO, Valdir Heitor; EUFRASIO, Daniela Aparecida. *O relatório de estágio como manifestação do perfil profissional*. Revista MELP, v. 1, p. 1-10, 2009. Acesso ao site <http://www.lalec.fe.usp.br/revistamelp/publicacoes/numero-3/artigos/item/29-o-relat%C3%B3rio-de-est%C3%A1gio-como-manifesta%C3%A7%C3%A3o-do-perfil-profissional-em-letras> em 28 de julho de 2018
- COIMBRA, Paulo. *A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?* São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- DLCV/DLEM. Projeto Pedagógico de Curso. João Pessoa: UFPB, 2006.
- DLCV. Projeto Político-Pedagógico de Curso. João Pessoa, UFPB, 2019.
- GERALDI, João W. *Portos de passagem*. 5.ed. São Paulo. Martins Fontes, 2013.
- KLEIMMAN, Ângela B.; MORAES, Silvia E. *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*. Campinas- SP: Mercado de Letras, 1999.
- LERNER, D. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Trad.: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MELLO, Guiomar Namó de. Formação inicial de professores para a educação básica: uma (re)visão radical. *Revista Perspectiva*. Vol.14, n.1, p. 98-110 Jan./Mar. 2000. Acesso ao site http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392000000100012&script=sci_abstract em 21 de junho 2018.
- NÓVOA, Antônio. Nada substitui o bom professor. In: J.S. Faro e Priscilla Gautierre (Ed.) *Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo* (livreto). São Paulo: SINPROSP, 2007.
- OLIVEIRA, Gabriela Rodella. *O professor de português e a literatura: relações entre formação, hábitos de leitura e práticas de ensino*. São Paulo: Alameda, 2013.
- PIMENTA, Selma Garrido. Por que o estágio para quem não exerce o magistério: o aprende a profissão. In: PIMENTA S. G., LIMA M. S. L. *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 98-141
- TARDIF, Jean. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.



Recebido em 31 de agosto de 2019

Aceito em 20 de abril de 2020